

ATA DA 14ª REUNIÃO ORDINÁRIA (OU EXTRA???) DO CONSELHO DO MOSAICO DO BAIXO RIO NEGRO (MBRN)

25, 25 e 26 de fevereiro de 2016

Aos dias **24, 25 e 26 de fevereiro de 2016**, na sede da Fundação Vitória Amazônica (FVA) em Novo Airão- AM, teve início a **14ª reunião ordinária ou extra?** MBRN, que teve como temática principal o plano de ação do Mosaico Baixo Rio Negro. A programação de três dias teve como tema pensar sobre o plano de plano de ação para os próximos cinco anos, adotando metodologia para um planejamento estratégico do Mosaico. Tarcísio Madalena, da FVA, abriu com as boas vindas do grupo ao novo espaço da organização, sendo a reunião do Mosaico a primeira atividade a ser realizada na sede de Novo Airão. Em seguida, a facilitadora Marizete Catapan, contratada pela WCS para conduzir dois dos três dias de atividades, informou sobre a agenda do dia e os resultados esperados para este dia, que seriam: atualização do status de implementação do plano de ação, feito de forma coletiva; lições aprendidas coletadas e compartilhadas no grupo; definição de ações importantes que devem ser mantidas para os próximos anos.

A sequência de **atividades do dia 24 de fevereiro** foi a seguinte:

- ✓ Dinâmica de apresentação dos presentes – Tarjetas com nome e expectativa de cada um sobre o dia.
- ✓ Apresentação do processo de atualização/complementação do plano de trabalho atual do Mosaico Baixo Rio Negro – A consultora Marizete Catapan informou sobre a sequência de sua consultoria para o monitoramento atual do plano de ação atual do MBRN, sendo as etapas: Análise do plano de ação e sistematização de informações; definição do método de avaliação; elaboração e aplicação de questionário *on line*; sistematização dos resultados do questionário, análise conjunta do plano de ação com o conselho do MBRN; elaboração de relatório final com resultados da reunião.
- ✓ Dinâmica de avaliação do plano de ação – Foram disponibilizados 16 painéis, organizados por áreas temáticas, contendo as estratégias do plano de ação atual do MBRN: ano do planejamento; meta e atividade; e status de implementação. Em grupos, os participantes observaram que resultados foram alcançados a partir das ações implementadas; quais foram as dificuldades de implementação; e se no contexto atual essa atividade é necessária para se desenvolver nos próximos cinco anos (para se identificar as ações que devem permanecer). Adesivos de cores diferentes foram utilizados para, primeiramente, informar sobre o status das ações (verde para implementado, amarelo para em implementação, vermelho para não implementado). Todos os participantes circularam nos três painéis.
- ✓ Priorização de ações - Na parte da tarde os participantes observaram todos os painéis e fizeram observações gerais. A facilitadora fez um comentário sobre a necessidade de se priorizar 10 ações que devem ser realmente priorizadas em todos os painéis, e Ana Flávia Zingra (ICMBio) destacou que muitas atividades do planejamento anterior estão descritas de forma confusa.
- ✓ **(Aguardando relatório para apontar quais ações foram priorizadas e se citamos ao final da ATA os relatórios do FUNBio e de Marizete como anexos – documentos complementares à ata)**

✓ Lições aprendidas - Após cada um individualmente priorizar as 10 ações que julga mais necessárias para o Mosaico, Marizete Catapan (facilitadora) propôs uma divisão em três grupos de cinco pessoas para debaterem qual foi o aprendizado no contexto do plano de ação do MBRN. (dúvida sobre em que momento estes resultados foram apresentados; checar relatório)

✓ Questionários *on line* – A facilitadora Marizete Catapan compartilhou os resultados dos questionários preenchidos pelos conselheiros (confirmar se foram só conselheiros), que trazem a percepção do trabalho atual do MBRN. Entre as fraquezas apontadas, estão a falta de objetivos claros e mensuráveis sobre conservação de biodiversidade e bem estar humano para o Mosaico (dificultando o monitoramento de resultados); a falta de uma linguagem comum sobre metas, objetivos, atividades e indicadores; a falta de uma descrição da lógica sobre como as atividades vão melhorar a situação (clareza de onde se quer chegar); a falta de indicadores claros para monitorar progresso; a falta de fontes de recursos financeiros para realizar as atividades, prazos e marco de controle. Também houve questionamentos sobre quem deve monitorar a biodiversidade e bem-estar humano/questões sociais no MBRN e a responsabilidade individual e coletiva das UCs, e ainda sobre as falhas de comunicação no âmbito do Mosaico, tanto internamente (entre conselheiros) quanto externamente (com o público em geral). Foi apontado que a comunicação por e-mail é insuficiente (entre outros porque a comunicação digital é acessível apenas para uma parcela do Mosaico). Com relação a parcerias, a maioria acha que funcionam relativamente. Como fatores positivos, foram citadas as articulações para projetos visando a captação de recursos para o Mosaico em andamento junto à WCS e FVA. Também foi apontado que não existem acordos de parceria formal. De maneira geral, a facilitadora informou, o questionário apontou a necessidade de planejamento estratégico do Mosaico, e a facilitadora citou a metodologia 5W2H, sem detalhá-la.

✓ O dia foi finalizado com a retomada das expectativas do início do dia, com os participantes respondendo se ficaram ou não satisfeitos, e porque da resposta. (não anotado, aguardo relatório para preencher?)

A sequência de **atividades do dia 25 de fevereiro** foi conduzida pelos consultores do FUNBIO (Fundo Nacional para a Biodiversidade) e teve como objetivo definir coletivamente o papel do MBRN, bem como indicar qual seria a melhor estrutura de governança do Mosaico. A sequência foi a seguinte:

- Apresentação sobre a proposta do FUNBIO para o Mosaico – A facilitadora Andréa Mello (FUNBIO) explicou que o objetivo da consultoria é o de adotar o MBRN de recursos estratégicos para implementar os objetivos da gestão do Mosaico. A expectativa, prosseguiu a facilitadora, é a de que o plano de ação detalhado será precificado, para se saber o custo das ações sugeridas. Para entender melhor o contexto do MBRN, o FUNBIO fez 12 entrevistas com conselheiros para saber o que as pessoas pensam do Mosaico; realizaram pesquisa bibliográfica, análises e colheita de resultados de um workshop sobre o papel de mosaicos e tipos de governança.
- Panorama geral de opiniões sobre o Mosaico: uma proposta de governança territorial envolvendo processos além da gestão integrada entre gestores. Entre as palavras chave da apresentação entram articulação – Pactuação de território, tarefa de trocas. O Mosaico está previsto no SNUC, mas não um modelo único na legislação, e cada Mosaico foi se adequando a um modelo local. Para pensar o Mosaico é preciso pensar o conselho e a estrutura de governança. O passo hoje é debater qual o papel do Mosaico.

- Papel do Mosaico: na legislação, o papel central, mas não único, é o de articulador; muito mais de diálogo, de promoção. Quando a gente coloca o papel de executor, talvez não enxerguemos esse papel, que pode se intercalar em vários momentos. O Mosaico poderia ter um CNPJ para realizar ações, ou coordenar a execução por terceiros. No caso de uma figura jurídica com CNPJ, a dúvida é se um ente público pode participar. Quem faria parte dessa figura jurídica?
- Dúvidas: abaixo-assinados, articulações, a dinâmica dos Jovens Protagonistas, são as UCs executando. Fabiano (FVA) comentou que no caso do Jovens Protagonistas houve uma troca, mas a execução foi por uma UC, o que rolou foi poder de articulação mas não foi ação de Mosaico. Guillermo (WCS) afirmou que precisa se pensar sobre quem executa no Mosaico, UCs e parceiros; o Mosaico tem poder de coordenar uma ação em conjunto, talvez seja necessário coordenação de ações que já acontecem.
- (Andrea) Articular não é só fórum de discussão. Alguns exemplos: promover parcerias e diálogos, FAZER CIRCULAR A INFORMAÇÃO e garantir a participação da representatividade dos atores do território (exemplos). Como executor, entraria por exemplo prestação de contas, avaliação de projetos, envolve equipe de pessoas com aptidões diferentes.
- Workshop – Resultados sobre quais as funções de um Mosaico. Entre os resultados, foi apontado o receio de uma secretaria executiva não dialogar com o presidente do Mosaico ou com o Conselho. Para evitar isso é preciso fechar bem os processos sobre isso. Outras dúvidas apontadas: a comunidade é favorecida pelo Mosaico?
- Eixos transversais a se pensar: Mosaico indutor de desenvolvimento sustentável; formação da identidade territorial; mediação de conflitos.

Dinâmica – Dois grupos debaterão/defenderão, cada um, argumentos para defender o papel “ISOLADO” de articulador ou de executor do Mosaico.

Fábio/ICMBio (defendendo o papel de Mosaico articulador): Percebemos que o papel de articulador executor são contrastantes. Sendo só articulador você ganha em termos de necessidade de estrutura quanto de entendimento político do Mosaico.

Ser exclusivamente articulador fortalece o Mosaico, porque ele não busca parcerias, ele é feito de parcerias. Há o fortalecimento da identidade territorial, maior possibilidade de intervir nas políticas públicas. Se já falta recurso humano para articulação, para executar a carência é muito maior. A execução concentra poder, e dentro das parcerias há entidades mais aptas a estarem juntas nessa execução e outras menos, e isso pode ser uma fonte de “racha” na unidade do Mosaico. A burocracia, para executar, precisa ter estrutura administrativa e humana mais pesada. Conflitos internos: uma instância no Mosaico com concentração de poder, pode gerar conflitos/maximizar conflitos internos já existentes. Também não é possível sabermos se é possível ser executor (se pode ter CNPJ). E se o Mosaico não é um bom articulador, não pode passar para a próxima etapa de ser executor.

Fabiano/FVA (defendendo o papel de executor): basicamente, entendemos que para ser executor o Mosaico exige uma estrutura mais sólida, dependendo menos de parceiros que se enfraqueçam por determinado motivo. Ao ter sua própria linha de execução, terá maior autonomia e controle sobre as ações executadas, para além das ações individuais dos parceiros. A eficiência de coordenação das atividades pode aumentar, e a dinâmica de trabalho pode ser mais estável quando não se depende tanto de parcerias. Maior controle dos resultados das ações, planejando e concatenando ações com maior refinamento. Existem

diferentes formas de viabilizar execução de ações (exemplo: realização de consórcios), diferentes arranjos, que pode favorecer gestão mais compartilhada de custos, favorecendo o crescimento do Mosaico. Como órgão executor, o Mosaico permitiria maior capacidade de absorver/articular políticas públicas. Por exemplo: executar o Bolsa Floresta, o Mosaico poderia assumir.

Em uma segunda etapa dessa atividade, perguntas de um grupo ao outro e rebater com respostas.

(articuladores) As articulações precisam extrapolar do conselho. O objetivo de Mosaico Articulador é consolidar, e não controlar. Seu Peba citou que as ações do conselho são mal comunicadas e a articulação precisa trabalhar isso, inclusive para evitar sobreposição de atividades parecidas. O Mosaico precisa ter uma secretaria executiva. Geral: “para executar precisa ser um bom articulador”.

Fabiano (FVA) destacou que a ação conjunta que o Mosaico faz é organizar reuniões do conselho, e que as ações executivas do Mosaico estão muito mais ligadas a questões administrativas, comunicação interna, e que as ações são restritas.

(executores) O debate seria sobre o uso do recurso para fomentar a secretaria executiva. Não vamos acessar novos recursos, mas adequar o perfil para determinados recursos que individualmente não se tem (Fabiano). O Mosaico vai ter um, as ONGs vão ter outros. Klaus sugeriu a necessidade de identificar fontes de recursos. (Fabiano) O Mosaico se fortalecendo, independente de seus membros. Hoje temos uma secretaria administrativa, mais que executiva. Não é apenas um secretariado o Mosaico Executor (secretaria executiva não daria conta de projetos).

Percepções sobre o debate articulador x executor:

- (seu Peba) Na realidade aqui fizemos exercício de advogado do Diabo. A pergunta que eu faço é, após os cinco anos, estamos no ponto de realizar execução? Ou está na hora de unir a articulação com a execução?
- (Fabiano/FVA) Acho interessante que, de todas as coisas que colocamos, o que fortalece ter elementos de execução tem a ver com o fortalecimento das bases. Quem faz isso hoje? Recursos pra isso, são coisas essencialmente técnicas que deveriam ter uma abrangência territorial, e individualmente como ONG temos pouca capacidade. Parte de sanar problemas de gargalo de execução é entrar em frentes mais técnicas de execução, e para ganhar escala, poderíamos desenvolver competências de um mosaico executor. Precisamos de mais capacidade para avançar (...) O Mosaico tem competências específicas, mas a incapacidade dos membros de atender certas demandas do território exigem que o Mosaico desenvolva capacidade executora. (...)
- (Alguém do ICMBio não identifiquei) Há diferentes níveis de execução de atividade, enxergo que uma secretaria executiva poderia executar, por exemplo, um plano de comunicação, um banco de dados, enfim organizar internamente e dar visibilidade ao Mosaico. Outra coisa é um projeto de fortalecimento da base, e não temos perna pra fazer isso.
- (Fafá/ICMBio) Fortalecendo nossa estrutura, deixando claro como o Mosaico vai se articular com as instituições que realizam ações, pode ser melhor.

- (Andrea/Funbio) O que chamamos de execução é captar recurso e executar totalmente o projeto. Executar projeto não é só captar recursos, é um processo, uma relação de parceria com quem financia. Então é preciso pensar se há pernas pra fazer projetos.

- (Guillermo/WCS) A falta de clareza de algumas coisas tem a ver com os anseios. Particularmente, creio que não temos ainda maturidade suficiente para o Mosaico ser uma entidade executora (...) A questão do envolvimento com as comunidades é um ponto sensível do Mosaico (...) Uma de nossas discussões, no ser executor ou não executor de projetos (...) Precisa ter gente do conselho do Mosaico acompanhando melhor a elaboração e execução dos projetos no âmbito do Mosaico.

- (Fabiano/FVA) Não é trivial fazer gestão de conhecimento interno. Não é impossível, dá pra fazer de forma descentralizada, mas por exemplo, construir uma marca com identidade própria é tão importante quanto ter lideranças fortes, pra não ter sub-representação do território. (...) O como a gente gerencia as coisas é a questão (...) O quanto a gente quer que o Mosaico se empodere para executar, o quanto ele delega pra parceiros.

- (Andrea/Funbio) Ser articulador não significa não ter recursos. Uma ONG poderia, por exemplo, executar um plano de comunicação, o Mosaico fazendo parte da execução.

- (Fabiano/FVA) O arranjo da execução é diverso. Penso execução sem um CNPJ próprio. Para mim diz respeito a quem governa, quem delibera o que está sendo executado, e isso pode ser deliberado pelo Mosaico. Todas as etapas de gestão de atividade feita em conjunto, por mais que uma ONG esteja assinando o cheque. É muito diferente do que realizamos na questão da castanha, que não passa pelo crivo do Mosaico. (...)

- (seu Peba) Mosaico nasceu do fazer tudo compartilhado, fruto de articulação.

- (ICMBio/não identiquei) Sinto falta de procedimentos sobre como o Mosaico e parceiros funcionam na execução de projetos. Falta clareza de como as coisas funcionam.

- (Andrea/Funbio) Surgiu durante as nossas discussões a questão do Mosaico executando diretamente os projetos. Isso é algo que o Mosaico Rio Negro quer assumir e como vai assumir.

- (Leonardo/Funbio) No papel de articulador, o Mosaico pode fomentar que as instituições realizem projetos. No caso de CNPJ o Mosaico precisa se responsabilizar por todas as etapas.

- (seu Peba) Se nenhum Mosaico tem CNPJ não vejo necessidade disso. A ferida nossa ainda é a tal secretaria executiva (...)

- (Fabiano/FVA) Executamos financeiramente um projeto do WCS, para otimizar a execução, o que o FUNBIO faz com o ARPA (FUNBIO executa o administrativo-financeiro do ARPA). Aí foram definidos procedimentos, e isso é uma execução descentralizada. (...) O que o Mosaico está fazendo? Estou esperando o plano de ação pra ver que elementos a FVA pode viabilizar. Não tem como garantir que o plano de ação será executado em sua totalidade; é diferente do Mosaico pensar um projeto enorme (...)

Encaminhamentos amanhã (Andrea): para fechar a atividade será necessário pensar um cenário. Será preciso votar no cenário de um Mosaico Articulador, Executor, Articulador + Executor. **A ideia é que o FUNBIO traga elementos para refinar um modelo de liderança, e não impor qualquer modelo.** Vamos trazer cenários e depois o Conselho escolherá o caminho. Vocês colocaram uma série de questões/desafios (consolidação no quadro dinâmica 1). A tarde o quadro será revisto e cada um será ouvido individualmente, para saber qual o perfil que será escolhido.

(Tarde – votação de modelo escolhido para gestão do Mosaico)

Comentários sobre os desafios de Mosaico com CNPJ, que Mosaico é um arranjo (...). A equipe do FUNBIO apresentou uma proposta de mosaico articulador + executor, e a alternância de execução dependerá do tipo de projeto. Marizete convidou a pensar além do executar projetos (relacionado a forma de Poder Público e outros componentes atuarem juntos dentro do Mosaico, para gerar ações).

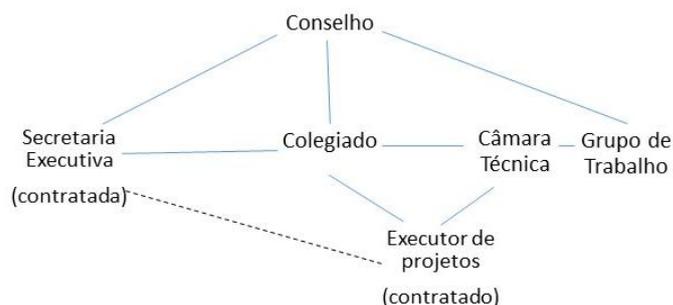
Na parte da tarde três possibilidades de votação para aprofundar no modelo escolhido para a gestão do Mosaico: articulador; articulador + realiza execução com CNPJ; articulador + executor (por terceiros).

Após votação que priorizou o articulador + executor por terceiros, foi feita uma apresentação sobre governança e um trabalho em dois grupos com o tema “como seria a estrutura de governança? Quais são nossas instâncias de governança? Quais as suas responsabilidades?”. Ao final, em plenária, um painel com as divergências entre os dois grupos.

Síntese dos grupos:

- Grupo 1 – Dimensionar o número de cadeiras do conselho e de pessoas que trabalham. A maioria dos conselhos têm mais de 30 cadeiras e o número de pessoas envolvidas é sempre a metade. Então pensamos no conselho, colegiado, secretaria executiva, presidência e coordenação de projetos, que surgiria apenas quando projetos fossem realizados. A única alteração no regimento interno seria a criação da secretaria executiva, que viria de atores externos (projeto de fortalecimento do Mosaico teria que prever esse pagamento), e dentro da Secretaria Executiva ficaria a responsabilidade do plano de comunicação.
- Grupo 2 – A ideia é ter um colegiado de quatro membros dividindo a presidência e o colegiado monitorar, avaliar resultados, e fazer acompanhamento técnico de projeto de terceiros. As temáticas das câmaras técnicas saíram do plano de ação/trabalho. CT não se extingue, GT realiza trabalhos pontuais (por exemplo, elaborar proposta para um edital). A secretaria executiva contratada apoiaria o colegiado e as câmaras técnicas. Estrutura de execução “terceirizada” para uma organização. A Câmara Técnica de captação de recursos poderá se responsabilizar por isso, comunicando com outras CTs. Projetos aprovados, o coordenador responsável pelo projeto no dia a dia teria que se reportar à CT correspondente.

Comparação com os dois grupos – o que converge:



Após essa etapa, foram elencadas algumas funções – papéis de secretaria executiva, colegiado, câmara técnica e conselho.

Dia 26-2

Programação voltada para detalhar o plano de ação, com objetivos e estratégias.

Dinâmica com expectativas do dia. Entre as palavras-chave, “clareza”, “reorganização”, “enxuto”, “definição de conceitos”. A partir dessas expectativas será feita uma avaliação no final do dia.

- **Apresentação sobre gestão e planejamento** – Para esclarecer conceitos, ou melhor, construir conceitos e linguagens comuns. Reforço de que cada um tem uma interpretação diferente do mesmo objeto, e precisamos desenvolver uma linguagem comum que todos entendam, avançando para um objetivo comum, ainda que cada um tenha um histórico diferente. É preciso encontrar uma forma de se comunicar (tornar comum).

- **Escalas e níveis de planejamento (na escala do sistema, região, UC, internacional):** o planejamento recebe interferências dessas diferentes escalas, com seus diferentes planejamentos institucionais estabelecidos formalmente (por exemplo: planos estratégicos das instituições públicas, planos de manejo/gestão), até chegar no Mosaico. Seu Peba perguntou como a comunidade se “enquadra” nesse universo de tantos planejamentos, e que o Mosaico precisa não só se enquadrar mas trazer o porque pra comunidade. Porque precisa parar de colocar fogo (para além do que os acordos mundiais e planos em diversos níveis recomendam)? Pagamos alto preço sem saber porque estamos pagando (seu Peba falou em relação às obrigações ambientais de quem vive no Mosaico).

- **O que é gestão?** Conceito do Instituto Brasileiro de Coaching: “é a administração de um negócio, empresa ou organização, com o objetivo de alcançar metas e conquistar resultados positivos e rentáveis” (rentável não só no sentido financeiro, mas de benefícios. “A função desse tipo de gestão é conduzir pessoas e processos de forma eficaz, promover melhorias, criar um ambiente colaborativo, motivado, propício ao autodesenvolvimento e, conseqüentemente, à conquista de resultados”. Fabiano ressaltou que o Mosaico tem vários coletivos organizados de várias formas (empresas, ONGs, instituições públicas).

- **Gestão adaptativa** – Ciclo que envolve planejamento, execução, controle/avaliação e aprendizagem. A decisão de utilizar ou não o aprendizado no ciclo é uma escolha. Mas o planejamento é só um desenho. É importante tornar o aprendizado consciente e agir sobre ele no processo de gestão. Planejamento sem execução é perda de tempo, e uma das conseqüências é a perda de motivação de quem está participando. Seu Peba lembrou que muitos projetos foram feitos com os comunitários, e que não deram certo. Pablo apontou sobre a dificuldade de trabalhar o planejamento no coletivo, com pessoas de várias instituições.

- **Etapas do planejamento estratégico** – Responder às perguntas: porquê (visão e objetivos); o que, onde, como (estratégias e resultados); quando, quem, quanto custa (plano de ação – atividades, incluindo o monitoramento). Fabiano lembrou que, no caso do Mosaico, desafio é o fato de que “o porque vem cima” (como no caso das UCs, quando vem algo da política institucional).

- **Para que planejar** – Visualizar o meu caminho e eleger prioridades. Sempre com horizonte de onde se quer chegar.

Após o intervalo foi feito um resumo do que foi debatido no primeiro dia.

Os padrões abertos para a prática da conservação (chegar depois de onde vem esse termo e porque ele está sendo adotado)

Apresentação da facilitadora Marizete. A proposta de integrar planejamento e monitoramento de projetos possibilita testar pressupostos das intervenções, sistematizar o aprendizado e fazer adaptações, procurando responder às perguntas: estamos alcançando o impacto desejado? Estamos implementando as ações corretamente? Escolhemos as melhores ações?

Padrões abertos para a conservação (conservation measures) – Abordagem “CMP” para a gestão adaptativa: um protocolo de construção de planejamento, uma forma de trabalhar o planejamento. Para o Mosaico será realizada, hoje, a etapa de preparar dados para análise (o plano de ação feito anteriormente), analisar os resultados, para depois adaptar o plano.

É importante localizar os problemas. O mais importante é tentar achar as soluções dos problemas. A ideia é levar pelo menos dois meses para re-organizar o plano de ação, mas passando primeiro pelos elementos estratégicos.

Visão – Precisa cativar! Incluir alvos de biodiversidade (espécies, ecossistemas, processos ecológicos).

Alvos de bem-estar social: na abordagem CMP, são definidos os seguintes pontos: o material necessário para uma vida digna; a saúde; as boas relações sociais; a segurança (no acesso a recursos naturais); a liberdade de escolha. Porém no contexto de um projeto de conservação, os alvos de bem-estar social concentram-se nos aspectos sociais afetados pelas condições dos alvos da biodiversidade. Considera-se nessa abordagem, como material necessário para uma vida digna: moradia segura e adequada, renda e ativos, comida suficiente, abrigo, móveis, roupas e acesso a bens, entre outros.

Serviços ecossistêmicos – o que a natureza, mas protegidas por projetos de conservação (que inclui políticas públicas como as UCs), fornece: produção de alimentos, proteção em relação a mudanças do clima; valor paisagístico; produção de fertilizantes.

Para continuar as atividades, houve um momento de se entender a visão de mosaico e entendimento sobre a metodologia que está sendo apresentada ser ou não ser a do grupo que representa o mosaico. Mariana (CIMBio) concorda que a abordagem traz as questões sociais e de biodiversidade, e que os povos e comunidades tradicionais entram nos alvos de bem estar social da abordagem CMP. Comentários:

- (ICMBio) Alvos de biodiversidade para serem monitorados do CT são uma coisa (...)
Num primeiro momento fiquei com a mesma angústia de ver que utilizaríamos esse modelo conceitual – abordagem, mas temos que ver se essa abordagem será suficiente. (Fafá/ICMBio) meu medo é que está sendo proposta uma metodologia e teremos que dar uma outra abordagem para tudo o que a gente pensava. Fiquei bastante tensa com os alvos e pra mim tá fugindo (...) A metodologia tem que se adaptar ao que a gente demanda, e não o contrário. (Pablo) O exemplo que está sendo implementado é só um pedacinho do planejamento, não é a espinha dorsal. (...) Quando a gente se prende a esse pedacinho... fica na lógica do mercado que não se encaixa ao Mosaico (...) você fica muito preso ao alvo e no quantitativo de quanto esse

alvo vai subir ou descer, se apegando ao alvo, ao número, e não ao processo. (...)
(Klaus/WCS) Se os conceitos não são um “remédio”, pega o método e adapta,
incluindo o que você acha melhor. (Pablo/CEUC) **Então vamos pensar melhor os alvos,
educação no Baixo Rio Negro, por exemplo.** (...) Fafá/ICMBio) O Mosaico é pensado em
ação integrado, os alvos são outros.

- (Mariana/ICMBio) Gostaria de saber como na metodologia apresentada, se realiza a definição de alvos. Conheço o perfil de quem compõe o Mosaico e vale a pena voltar atrás, chegar no consenso. Faz parte do entendimento do grupo, do que a gente quer. (Fafá) Se vamos pensar em usar a metodologia, terá que ser uma decisão do grupo, e não da Câmara Técnica de Monitoramento. (seu Peba) Quando fizemos o Mosaico pensamos em território. A UC trabalha muito os alvos da biodiversidade, e pelo nosso Mosaico ser tão interligado, as UCs interligadas... (...) Esse entendimento do que queremos dessa gestão, está além das Unidades, tem coisas que não estão sendo exploradas pelas UCs (...) Eu vi a manhã todinha falando de uma coisa que não me vem à cabeça. Não consigo me ver no Mosaico. (...) Deu exemplo sobre a campanha de diminuir pesca. Como o Mosaico vai acabar a extração de madeira ilegal? Onde ele vai buscar esse apoio, por exemplo? (Fafá) É um método novo que não temos capacitação, é difícil compreender.
- A facilitadora lembrou que um diferencial do método apresentado é ter um objetivo claro e um indicador quantitativo, e resultados intermediários para chegar lá.
- (seu Peba) Nós comunitários... quando coloca a biodiversidade como foco, queimou... a gente foi muito oprimido pela forma como as coisas chegaram aqui na Amazônia, e aí a gente acaba vendo que parece alguma coisa pra nos prejudicar (...) Sabe o que eu tou entendendo aqui? Que é pra proteger o peixe mais que qualquer outra coisa (...) **Então foi notório pra mim, que é melhor pegar o que já estamos fazendo para enquadrar.**
- Guillermo/WCS destacou que a metodologia dos padrões abertos trabalha com os alvos da conservação. A facilitadora avisou que é momento de revisão e validação do plano de ação, e a metodologia proposta pode ser a escolhida ou não.
- (Pablo/CEUC) O medo dos conselheiros é o alvo. E a preocupação do Peba em não focar na onça, por exemplo.
- A facilitadora lembrou que quem define as estratégias é o Mosaico.

Tarde

Fizeram dinâmica individual orientadora, respondendo às questões: o que me motiva a trabalhar no Mosaico? O que eu tenho em comum com o coletivo?

Segunda etapa: o que eu quero para o Mosaico em cinco anos (trabalho coletivo “coletivo”). Partindo primeiro dos desejos individuais, depois para o coletivo.

Nas respostas, Pablo (CEUC) ressaltou que é preciso fortalecer a identidade histórica, cultural do Baixo Rio Negro (sensibilização, catalização).

Refletir: selecionar as prioridades dentre as 174 do plano de ação, 20 votadas como prioritárias, foram suficientes? Desafio será o de unir os anseios da tarde de hoje com o plano de ação. Proposta é ter um grupo de trabalho para organizar essa síntese e apresentar em reunião de conselho. Isso dará agilidade para a elaboração do plano estratégico.

Um produto da consultoria da facilitadora é o relatório de monitoramento (status atual e percepção segundo o questionário on line, sobre o plano de trabalho). O segundo produto seria o planejamento estratégico do Mosaico, que começa com o que fizemos hoje, olhando o que motiva, tem em comum entre as falas, para criar uma visão, definir qual é o foco (objetivos).

A consultora Marizete foi separando o que seria visão e identidade e sugeriu que os próximos passos sejam consolidar o monitoramento do plano de ação; sistematizar os elementos para identidade e visão.

Ao final foi feita uma avaliação em forma de conversa, vários questionamentos sobre a metodologia e sobre a entrega dos produtos focados no planejamento estratégico do Mosaico, que não foi finalizado. Tentou-se definir quais seriam os próximos passos. Seu Peba comentou que “voltamos à estaca zero”, que o processo não foi finalizado, e ele não achou o dia produtivo. Mariana comentou sobre o fato de o ordenamento territorial ser foco do mosaico

(Não anotei encaminhamentos)

Eu, Débora Menezes, redigi a presente ata, que segue, em anexo com a lista de presentes na 14ª reunião (extra?) ordinária do MBRN, realizada em Novo Airão, entre os dias 24 e 26 de fevereiro de 2016.

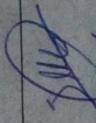
MOSAICO DE ÁREAS PROTEGIDAS DO BAIXO RIO NEGRO
CONSELHO CONSULTIVO

LISTA DE PRESENÇA DE CONSELHEIROS
14ª. REUNIÃO ORDINÁRIA

Local: FVA/Novo Airão
Data: 24/02/2016

SETOR	INSTITUIÇÃO	NOME	Telefone/email	ASSINATURA
Órgão Gestor das Unidades de Conservação Federais	ICMBio	Mariana M. Leite	99313-6049	MHL
	ICMBio	Ana Luiza C. B. Figueiredo	(92) 3365 1345	AnaLuizaBfigueiredo
	ICMBio			
	ICMBio	Ana Flávia C. Zingra	(92) 3365 1345	AnaZingra
Órgão Gestor das Unidades de Conservação Estaduais	DEMUC			
	DEMUC			
Órgão Gestor da RDS Tupé	SEMMAS			
	SEMMAS			

Secretarias Municipais de Meio Ambiente dos Municípios do MBRN	SEMMADES Novo Airão			
	SEMADS Iranduba			
Conselho Estadual da Reserva da Biosfera da Amazônia Central - CERBAC				
Entidades Comunitárias da Subregião 1	FOPEC			
	FOPEC			
Entidades Comunitárias da Subregião 2	ACS Rio Negro			
	ACS Rio Negro			
Entidades Comunitárias da Subregião 3	AMORU			
	AMPERNSN			
Entidade de base das sedes municipais	STRNA			
	APNA			
Terra Indígena Waimiri Atroari				

ONG Sócio-ambientalista	FVA			
	IPÉ			
	WCS	GUILLERMO ESTUPIÑÁN	92 98116-2392 GESTUPINAM@WCS.ORG	
	ANATUR	CLAUS PFEIFFER	99119.1564 claus@ em.ociu.tos.de.amazonia.com	
	Setor Empresarial	SEBRAE		



MOSAICO DE ÁREAS PROTEGIDAS DO BAIXO RIO NEGRO

LISTA DE PRESENÇA DE OUVINTES - 14ª REUNIÃO DO CONSELHO CONSULTIVO - Data: 24/02/16

NOME	INSTITUIÇÃO/COMUNIDADE	ASSINATURA	Telefone/email
Karl Didier	WCS		kdidier@wcs.org
Francisela da Silva Souza	ICMBio/Parna Jaú		(92) 991297315
Dhione Morhady	ICMBio/Parna - Smarilândia		DOLYNE FILHO @ ICMBIO GOV.BR
Paula Soares Pinheiro	ICMBio/Parna - Araruama		(92) 3365-1345
Anna Beatriz Gomes	Funbio		anna.gomes@funbio.org.br
Andréia Mello	Funbio		(21) 21235330
FABIO OSÓFINS	ICMBio Jaú		andrei.mello@funbio.org.br
LEONARDO GELUDA	FUNBIO		(92) 993774989
Washington S. da Silva	Grupos Protoguinto		fabiosofins@yahoo.com
Rachel K. Acosta	ICMBio/PN Jaú		(21) 2523-5323
Roberto Menezes	FVA		LEONARDO.GELUDA@FUNBIO.GOV.BR
Ana Luiza L.B. Figueiredo	Jombio/Rexx Urumim		(92) 9938523773
			Rachel.acosta@icmbio.gov.br
			(92) 99257-6653
			(92) 3365.1345

